

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Faculdade de Letras de Lisboa

1



E D I C O E S
C O S M O S

二 一 三 四 五 六 七 八 九 十 十一 十二 十三 十四 十五 十六 十七 十八 十九 二十 二十一 二十二 二十三 二十四 二十五 二十六 二十七 二十八 二十九 三十 三十一 三十二 三十三 三十四 三十五 三十六 三十七 三十八 三十九 四十 四十一 四十二 四十三 四十四 四十五 四十六 四十七 四十八 四十九 五十 五十一 五十二 五十三 五十四 五十五 五十六 五十七 五十八 五十九 六十 六十一 六十二 六十三 六十四 六十五 六十六 六十七 六十八 六十九 七十 七十一 七十二 七十三 七十四 七十五 七十六 七十七 七十八 七十九 八十 八十一 八十二 八十三 八十四 八十五 八十六 八十七 八十八 八十九 九十 九十一 九十二 九十三 九十四 九十五 九十六 九十七 九十八 九十九 一百

COLECÇÕES EGÍPCIAS EM PORTUGAL

Existem em Portugal diversas colecções de objectos egípcios, tanto públicas como privadas (e neste último caso pertencentes a instituições ou a particulares), que têm de comum entre si o facto de serem, na sua maioria, praticamente desconhecidas. A excepção será a colecção egípcia exposta no Museu Calouste Gulbenkian.

O Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa tem dado apoio científico ao estudo de alguns dos acervos que ainda estão por publicar, nomeadamente os que se conservam no Museu Nacional de Arqueologia, no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa e no Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

O objectivo do trabalho que desde há alguns anos tem vindo a ser realizado é apresentar todas as colecções de antiguidades egípcias existentes no nosso país a partir do estudo individualizado de cada uma delas, prevendo-se que cada colecção terá o respectivo catálogo e um guião (à excepção do Museu Calouste Gulbenkian, que já possui os seus). Procurar-se-á, para além da identificação, descrição, tradução dos textos hieroglíficos e atribuição cronológico-cultural de todas as peças, detectar as suas origens e proveniências (o que implica, para algumas das colecções, dissipar os «mistérios» que sobre elas ainda pairam).

Estima-se que o total dos objectos egípcios existentes em Portugal se aproxime dos seiscentos, grande parte dos quais inéditos. As únicas colecções que estão integralmente estudadas são a do rei D. Luís (Palácio Ducal de Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança), apresentada publicamente, com projecção de diapositivos, durante o VI Congresso Internacional de Egiptologia de Turim (1991) e com uma versão portuguesa prestes a sair na revista *Hathor 4*, e naturalmente a do Museu Calouste Gulbenkian, mas para a qual o investigador do Instituto Oriental a quem têm sido cometidas as tarefas museológicas tem diferentes interpretações em relação aos textos até hoje publicados.

Em relação a cada uma das colecções presentemente em fase avançada de estudo (ou, em alguns casos, de preparação para exposição), é a seguinte a situação:

1. Museu Nacional de Arqueologia

O antigo e quase centenário Museu Nacional de Arqueologia (antigamente designado por Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos e que está prestes a receber a nova designação oficial de Museu Nacional de Arqueologia Leite de Vasconcelos) é o que possui o maior acervo egiptológico (mais de trezentas peças). Acerca da colecção e de alguns dos seus núcleos foram já publicados diversos artigos elaborados por docentes do Instituto Oriental, ultimando-se nesta altura a elaboração do catálogo e do guião, prevendo-

-se que a colecção possa, finalmente, ser exposta ao público em 1993, coincidindo com a passagem dos cem anos da fundação do museu. Tem sido até ao momento bastante benéfico o apoio concedido pelo seu dinâmico director, Dr. Francisco Alves e pelo Dr. Luís Raposo. Contar-se-á ainda com o proficuo dinamismo e com o interesse que a nova presidente do Instituto Português dos Museus, Dr.⁸ Simonetta Luz Afonso, irá certamente imprimir ao projecto museológico.

2. Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa

Foram já publicados (e, de resto, apresentados durante o V Congresso Internacional de Egiptologia do Cairo, 1988) os chauabtis que se conservam neste museu, seguindo-se agora o estudo dos sarcófagos e tampas internas de sarcófagos nele existentes, trabalho que se afigura moroso mas entusiasmante dada a densidade da interpretação iconográfica de tão típicos elementos do material funerário da XXI dinastia. Os sarcófagos foram sumariamente estudados e publicados (embora com incorrecções) por V. Schmick em 1902 (!) e recentemente A. Niwiński divulgou os nomes das damas que haviam sido proprietárias dos ataúdes. O trabalho em curso tem decorrido de forma positiva, tendo o investigador do Instituto Oriental beneficiado da solícita atenção do presidente da Sociedade de Geografia, almirante António de Sousa Leitão, e do conservador do museu, Dr. José Queirós Soares.

3. Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Depois de duas visitas exploratórias para se poder aquilatar dos materiais nele expostos, vai-se concretizando o estudo da colecção egípcia do Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, o qual se encontra ligado ao Instituto de Antropologia Professor Mendes Corrêa. O acervo egiptológico, modesto mas interessante, consta de vasos de vísceras, amuletos, escaravelhos, chauabtis, bronzes, terracotas e diverso material funerário (estão algumas peças em restauro no Instituto José de Figueireido). Justo será mencionar o apoio manifestado pelo Dr. António Huet, cujo empenho tem facilitado a execução do projecto de investigação museológica.

4. Museu Calouste Gulbenkian

É por demais conhecida a excelente colecção egípcia reunida por Calouste Gulbenkian, a qual desfruta de reconhecida projecção internacional. Diversos estudos têm sido feitos acerca das peças do acervo, tendo recen-

temente aparecido mais um, da autoria da sua conservadora, Maria Helena Assam. Considera-se que novas interpretações iconográficas e de leitura dos textos hieroglíficos podem vir enriquecer os estudos até hoje publicados. As turmas de História e Cultura Pré-Clássica (1.º ano), História da Arte das Civilizações Pré-Clássicas e Introdução à Egiptologia têm todos os anos lectivos feito proveitosas visitas de estudo à referida colecção. Saliente-se, a propósito, a existência de excelentes relações entre o Museu Calouste Gulbenkian e o Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa.

5. Pequenas colecções públicas e privadas

- A. Colecção do rei D. Luís (Vila Viçosa), já estudada.
- B. Colecção do Dr. Amaral Cabral, já estudada.
- C. Colecção do Dr. Assis Ferreira, em estudo.
- D. Colecção da família Sá Nogueira, em estudo.
- E. Biblioteca Nacional de Lisboa (dois chauabtis).
- F. Museu Nacional de Arte Antiga (uma estátua leonina oferecida por Calouste Gulbenkian).
- G. Museu do Carmo, Associação dos Arqueólogos Portugueses (um sarcófago muito deteriorado).

É provável que mais colecções privadas com antiguidades egípcias existam no nosso país, empenhando-se actualmente o signatário em detectá-las para propor a respectiva divulgação.

L.M.A.

DO PRESTE JOÃO ÀS RUÍNAS DA BABILÓNIA

Saiu no pretérito ano de 1990, editado pela Editorial Comunicação, um livro intitulado *Do Preste João às Ruínas da Babilónia. Viajantes Portugueses na Rota das Civilizações Orientais*, da autoria de José Nunes Carreira, cujas páginas bem demonstram o conhecimento vivido e sentido dos sítios históricos jornadeados pelo autor e patenteiam, como refere o sucinto texto de contracapa, «erudição e competência científica para fazer o leitor descobrir civilizações e trajectos inesperados: viajantes quase obscuros em demanda de civilizações e de costumes exóticos, num trabalho prospectivo de recolha e informação».

Com a boa qualidade técnica e a excelente apresentação gráfica que caracterizam as edições de António Melo, nomeadamente os volumes integrados na colecção onde este livro se insere (Colecção Estudos de Cultura Portuguesa), esta demanda *Do Preste João às Ruínas da Babilónia* refazendo

os percursos dos viajantes portugueses na rota das civilizações orientais (Suméria, Babilónia, Assíria, Israel e Egipto, entre outras), propiciará certamente ao leitor a oportunidade benfazeja de mergulhar nas aventuras paralelas experimentadas pelo autor, hoje professor catedrático na Faculdade de Letras de Lisboa e director do Instituto Oriental e na altura bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na prestigiada École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem (1963-1964).

Após o prefácio e a introdução, o livro de José Nunes Carreira, cuja edição teve o apoio do Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses, evoca-nos os movimentados percursos dos viajantes portugueses da época da Expansão:

1. Francisco Álvares na Terra do Preste João
2. António Tenreiro: de «peregrino» a «turista» à força
3. Mestre Afonso: um cirurgião feito geógrafo
4. António de Gouveia e a escrita cuneiforme
5. Pedro Teixeira e a linguística
6. Frei Gaspar de S. Bernardino — exegeta, historiador e arqueólogo
7. Companheiros e plagiários de Frei Gaspar
8. Nicolau de Orta Rebelo e a Torre de Babel
9. Manuel Godinho — arqueólogo e historiador frustrado
10. D. Álvaro da Costa e as ruínas da Babilónia

A obra remata-se com os índices onomástico, geográfico e toponímico, remetendo os leitores para os nomes de pessoas e locais que evocam as explorações terrestres que constituem a face desconhecida da grande descoberta do Oriente: o da época da Expansão e o Oriente pré-clássico, onde floresceram as grandes civilizações da Mesopotâmia, do Corredor sírio-palestiniano e do Egipto faraónico.

L.M.A.

CICLO DE LIÇÕES NA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN DEDICADAS AO ANTIGO EGÍPTO

Dando concretização prática às excelentes relações existentes entre o Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa e a Fundação Calouste Gulbenkian, nomeadamente com o seu Serviço de Museu, decorreu um ciclo de lições no Museu Calouste Gulbenkian subordinado ao título «O Antigo Egipto: uma civilização de três mil anos», que esteve a cargo de Luís Manuel de Araújo.

O ciclo, tal como outros cursos anteriormente organizados, orientou-se para a complementaridade do ensino no que respeita sobretudo às áreas

de História e Artes Visuais, vocacionando-se para Instituições e estudiosos dessas mesmas áreas, e esteve também aberto a todos os que estivessem interessados na temática, dado que a entrada era livre.

Foram seis as lições, assim distribuídas:

Dia 7 de Maio — Introdução: a emergência da civilização faraónica (a paleta de Narmer)

Dia 14 de Maio — O Império Antigo: o tempo das pirâmides (as pirâmides de Guiza)

Dia 21 de Maio — O Império Médio: os faraós da *maet* (a engenharia hidráulica do Faium)

Dia 23 de Maio — O Império Novo: o império da elegância (requisite e colossalismo)

Dia 28 de Maio — A Época Baixa: dos Saítas aos Ptolomeus (mediterraneização e arcaísmo)

Dia 4 de Junho — Conclusão: o Egípto eterno, o Egípto dentro de nós (egiptologia e egiptomania)